

Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

#23 (tomo 1) Jan. 2020

NECRÓPOLE DAS TOUÇAS (Sabrosa)

**Cerro do Castelo de
Alferce: um emblemático
sítio arqueológico**

**Botões de Uniforme ao
Tempo da Guerra Peninsular**

**Artes do Couro: os estojos
dos séculos XIII-XIV**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Montagem sobre fotografia da Necrópole das Touças, sítio arqueológico de cronologia predominantemente medieval localizado no Município de Sabrosa. Observam-se alguns dos ortostatos ou pedras fincadas que acompanham as sepulturas e sarcófagos escavados na rocha e, em segundo plano, vê-se ainda um marco de demarcação da Ordem de Malta datado de 1776.

Foto | © Gerardo Gonçalves e Dina Pereira.



II Série, n.º 23, tomo 1, Janeiro 2020

Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede (proprietário, editor e redacção) |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Periodicidade | Semestral

Patrocínio | Câmara M. de Almada

Parceria | ArqueoHoje - Conservação
e Restauro do Património

Monumental, Ld.ª / Câmara
Municipal de Oeiras / Associação dos
Arqueólogos Portugueses

Apoio | Neopéica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia
de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

As presentes diversidade e proficiência da Arqueologia portuguesa estão bem patentes nas páginas deste tomo da *Al-Madana Online*. Aqui encontramos os resultados de trabalhos de natureza preventiva, mas também de projectos de investigação plurianual, em sítios como a Necrópole das Touças (Sabrosa), o Castro das Coroas (Cinfães), as estruturas defensivas do Cerro do Castelo de Alferce (Monchique) e do Castelo de Miranda do Douro, o povoado fortificado do Outeiro do Circo (Beja), ou os contextos urbanos da Rua de Santa Margarida, em Santarém. À diversidade geográfica e de realidades crono-culturais associam-se diferentes enquadramentos institucionais e abordagens técnico-científicas e metodológicas multidisciplinares. Estas vão da prospecção de superfície às sondagens de diagnóstico e ao acompanhamento de obras, incluindo a incorporação da Geofísica, da aerofotogrametria com drones e da modelação tridimensional de terreno no processo de intervenção e investigação arqueológica. Sem esquecer a necessária sociabilização do conhecimento assim produzido através da Educação Patrimonial.

A abrangência geográfica é alargada ao mundo da lusofonia, através de artigo dedicado aos fornos de cal artesanais de Estaquinha, em Moçambique, que traça paralelos com os conhecidos em território português, em destaque no tomo anterior.

Seguem-se estudos sobre os botões de uniformes militares ao tempo da Guerra Peninsular resultante das invasões francesas (1807-1814), o sinete municipal de Vila Franca do Campo, na Ilha de S. Miguel (Açores), e a porcelana decorada de uma tipologia muito particular – *kinrande* – identificada entre o espólio da Rua da Judiaria, em Almada.

Três temas justificam a livre expressão da opinião de investigadores portugueses: os mecanismos de valoração do Património, tendo por base a arte rupestre do Vale do Rio Côa, em Portugal, e de Siega Verde, em Espanha; as dinâmicas de (re)construção e interpretação do Passado em Arqueologia; e o movimento cidadão gerado por obra que afecta a Anta 1 de Vale da Lage (Tomar).

A arte de trabalhar o couro volta a merecer publicação, agora com um texto dedicado aos estojos dos séculos XIII-XIV; outro artigo analisa o impacto das reformas pombalinas em Lisboa, após o terramoto de 1755, no modelo urbano de outras cidades portuguesas e brasileiras; um terceiro cruza várias fontes para perceber o que sucedeu à comunidade muçulmana de Alcácer do Sal após a reconquista cristã, em 1217.

Como é habitual, o tomo encerra com noticiário arqueológico variado, resenhas e destaques de livros e revistas apresentados nos últimos meses. Dedicamos ainda espaço à partilha de informação sobre eventos científicos e patrimoniais, com balanço de alguns já realizados e agenda dos entretanto anunciados.

São 180 páginas onde, creio, se encontrarão bons momentos de leitura.

Jorge Raposo

Resumos | Jorge Raposo (português),
Luísa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos
Santos (francês)

**Modelo gráfico, tratamento de imagem
e paginação electrónica** | Jorge Raposo

Revisão | Rui Eduardo Botas, Fernanda
Lourenço e Sónia Tchissolle Silva

Colaboram neste número |

Sérgio Amorim, José Arrais, Luísa
Batalha, Nuno Bicho, Rogério P. de
Campos, Fábio Capela, Guilherme
Cardoso, António Carneiro, Aníbal

Costa, Ana Cruz, Pedro Cura,
Pedro Dâmaso, Diogo T. Dias,
M^a Isabel Dias, José d'Encarnação,
Rui R. Filipe, José P. Francisco,
Cristina Gameiro, M. García-Heras,
D. García Rivero, Tiago Gil, Célia
Gonçalves, Gerardo V. Gonçalves,
Florian Hermann, Carlos Jorge,
Francisco Leal, Marta I. C. Leitão,
Virgílio Lopes, Isabel Luna, Andrea
Martins, César Neves, M^a de Fátima
Palma, Dina B. Pereira, Franklin
Pereira, Rui Pinheiro, Eduardo Porfírio,

José C. Quaresma, Jorge M. Resende,
Fernanda Rodrigues, Nuno Santos,
Miguel Serra, Fernando R. Silva,
Pedro da Silva, Vanessa Sousa,
Telma Tavares, Ruth Taylor,
Félix Teichner, Marco Valente e
Humberto Varum.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madana Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Linguística e Epigrafia

em busca da nossa mais vetusta antiguidade!

José d'Encarnação

[Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

De 23 a 25 de Outubro de 2019, reuniram-se no auditório do Convento do Espírito Santo, em Loulé, cerca de meia centena de investigadores, no âmbito do *XIII Colóquio Internacional sobre Línguas e Culturas Paleo-Hispánicas*, organizado pelo Doutor Amílcar Guerra, da Unidade de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em estreita colaboração e com o apoio logístico da Câmara Municipal.

Os antecedentes

Trata-se de uma reunião científica, cuja Comissão Organizadora reúne investigadores de Espanha, Alemanha, França e Portugal e cuja primeira edição se realizou em Salamanca, no ano de 1974. O objectivo a atingir – como a própria designação sugere – centra-se em dar resposta à enorme curiosidade que, desde há muito, despertaram as inscrições em signos de mui estranha configuração, nem alfabética nem figurativa, achados na Península Ibérica em contexto arqueológico datável dum a época imediatamente anterior à vinda dos Romanos, no século II a. C.

Por outro lado, também nas inscrições em Latim, atribuíveis, por isso, à Época Romana, encontraram os estudiosos nomes de pessoas (antropónimos) e de divindades (teónimos) também eles estranhos à habitual nomenclatura latina e que, devido à circunstância de serem típicos da Hispânia, não haviam sido detectados em monumentos doutras áreas do Império Romano. Optou-se, pois, pela hipótese – naturalmente viável – de considerar que esses nomes resultavam da contaminação da linguagem do “invasor” pela do “invadido” e vice-versa. O conhecido fenómeno da aculturação.

Compreende-se a curiosidade por um mundo assim envolvido em mistério. Que significavam esses signos? Que mensagens quiseram deixar-nos os nossos mais vetustos antepassados? Por outro lado, corresponderia essa nítida “aculturação” ao que hoje, em Etnologia, se designa por

miscigenação? Em concreto, teria havido “casamento” entre indígenas e romanos, como nos fora dado observar o “casamento” entre as divindades de uma e doutra cosmogonia?

Só recentemente a identidade se arvorou no Mundo como estandarte de “guerra”; contudo, mesmo inconscientemente quiçá, essa pulsão esteve sempre presente no âmago das gentes e, com maior razão, no espírito dos investigadores do Passado.

O constante aparecimento de novos materiais; a publicação dos resultados de campanhas arqueológicas nos sítios donde essas lápides inscritas haviam saído; o mais aprofundado conhecimento do indo-europeu, considerado o estrato linguístico comum a partir do qual se formaram as diversas línguas europeias – tudo isso foram factores para que essa primeira reunião de 1974 viesse a ter periódico seguimento, com intervalos de tempo variáveis, de acordo com as circunstâncias.

Foram alemães dos primeiros a dedicar-se, ainda em finais do século XIX, ao estudo desta problemática. Cite-se, a título de exemplo, a obra de Alfred Holder, *Alt-Celtischer Sprachschatz* (Leipzig, 3 volumes - 1896, 1904 e 1907), sobre o vocabulário atribuível à antiguidade céltica.

A ligação de universidades espanholas com a Alemanha, mormente devido aos condicionalismos políticos, a partir de meados do século XX, e também porque eram conhecidos desde há muito esses enigmáticos monumentos hispánicos, determinou a inclusão da temática na investigação es-

XIII COLÓQUIO
SOBRE LÍNGUAS
E CULTURAS
PALEO-HISPÁNICAS



panhola. E, atendendo ao facto de boa parte deles se haverem identificado no Sudoeste português, levou a que cedo os eruditos portugueses se interessassem pelo tema. Aliás, recorde-se que já Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814), por exem-

plu, tivera o cuidado de reproduzir em desenho os que lograra arrecadar no seu Museu Sisenando Pacense, em Beja, como pode ver-se nos manuscritos depositados na Biblioteca Pública de Évora. A Comissão Organizadora destes colóquios passou, por consequência, a incorporar investigadores dos três países. Realizou-se nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, o III, em 1980, por iniciativa do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras, dado o natural parentesco dos seus estudos linguísticos com a temática em apreço. Concretizámos em Coimbra – sob a égide do Instituto de Estudos Clássicos e do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras – o VI, em 1994. Portugal voltou a receber os investigadores no ano de 2009, no Museu Nacional de Arqueologia, onde – para além do seu habitual espólio de epigrafia romana e pré-romana – se logrou expor a inscrição em língua dita “lusitana” achada no termo de Arronches, dada a conhecer no ano anterior.

O colóquio de Loulé constituiu, portanto, o 4.º realizado em Portugal. E a escolha do Barrocal algarvio justifica-se por se encontrar no âmago, digamos assim, do que ora nos parece possível designar como território privilegiado dessa escrita. De resto, o Museu da Escrita do Sudoeste, em Almodôvar, reúne importante espólio associado a essa cultura e foi alvo do interesse maior dos participantes no Colóquio de Loulé, que demoradamente o visitaram no sábado, dia 26. Também nesse dia puderam apreciar o trabalho desen-



Aspecto da assistência.

volvido no sítio arqueológico do Monte dos Castelinhos, que se enquadra na cronologia considerada e de que parte do espólio exumado se encontra no Museu Arqueológico e Etnográfico Manuel Vicente Guerreiro, situado também em Almodôvar e que foi visitado.

Presidiu nos últimos anos à Comissão Organizadora o Doutor Javier de Hoz, catedrático de Filologia na Universidade Complutense de Madrid. Faleceu a 12 de Janeiro de 2019. Reservou-se, por isso, um espaço na programação do encontro de Loulé para, emotivamente, pela voz dos seus mais antigos companheiros de Comissão, se evocar a sua memória e o seu mui relevante contributo. Esteve presente a sua viúva, Doutora Maria Paz García-Bellido, também ela uma estudiosa deste período histórico.

O Colóquio

Destinadas a esclarecer o estado da questão nos vários domínios, as comunicações centraram-se nos resultados das mais recentes pesquisas em Epigrafia, em Linguística e, também, em Arqueologia, sendo esta uma área que ora voltou a ser introduzida, dada a necessidade de melhor compreensão global da realidade envolvente dos testemunhos identificados.

As versões escritas dessas comunicações serão, como habitualmente, publicadas na revista *Palaehispanica*, sob o patrocínio da Institución «Fernando el Católico», de Zaragoza. Adianta-se, desde já, o panorama do que se apresentou.

1. A Linguística

Incluíram-se predominantemente no domínio das interpretações linguísticas, isto é, no das questões que se prendem com o significado dos signos enigmáticos (atribuíveis aos estratos celtas, ibéricos, celtibéricos, tartéssicos, fenícios...) as intervenções seguintes:

- Sebastián Celestino Pérez, “Últimas investigaciones sobre las estelas de guerrero del Oeste peninsular”;
- José Ángel Zamora, “La epigrafía fenicia en la fachada atlántica de la Península Ibérica”;
- José Antonio Correa, “Algunas cuestiones sobre epigrafía y lengua en el Suroeste de la Península Ibérica”;
- Dagmar Wodtke, “Spelling Tartessian”;

- Eugenio Luján, “La lengua de las estelas del SO: estado de la cuestión”;
- M^a Paz García-Bellido, “Las copias célticas en el Golfo de León: nuevas precisiones”;
- Carlos Jordán, “Celtibérico 2019”;
- Noemí Moncunill, “Variación y continuidad en la onomástica personal de los iberos”;
- Joan Ferrer, “El sistema dual de la escritura celtibérica: quince años después”;
- Aranzazu López, “Los sufijos ibéricos –ka, –ke y –k”.

A ida a Almodôvar foi aproveitada para Amílcar Guerra e a sua equipa darem conta dos recentes trabalhos efectuados no âmbito do Projecto ESTELA, que estuda e inventaria os achados de estelas no Sudoeste.

2. Arqueologia

Integraram-se no estudo dos aspectos arqueológicos as comunicações:

- de Francisco B. Gomes, “Reflexões sobre escrita, identidade(s) e memória(s) na Idade do Ferro do Sul de Portugal”;
- de Javier Jiménez Ávila, “El contexto arqueológico de la epigrafía del Suroeste Peninsular”;
- de Iñaki Simón, “Arqueología de la escritura: los soportes de las escrituras paleohispánicas”;
- de Coline Ruiz Darasse e Alexis Gorgues, “Un dé ibérique et son contexte: l’objet de l’atelier de potiers du Mas de Moreno (Foz-Calanda, Espagne)”.

3. Aculturação

No que concerne a testemunhos do contacto entre indígenas e romanos:

- Víctor Sabaté Vidal, “Inscripciones ibéricas y latinas en la Roca dels Moros de El Cogul (Lleida, España)”;

- Francisco Javier Fernández Nieto, “*Buradonis ilicetum* (Mart. 4, 55, 23): emplazamiento y naturaleza del santuario”;
- José María Vallejo, “Lusitano y onomástica: 25 años después”;
- José Cardim Ribeiro, “A inscrição lusitana de Sansuena («Arroyo I»)”;
- María Cruz González, “El culto a *Reue / Reuue* en *Gallaecia*”;
- Noemí Moncunill, “Variación y continuidad en la onomástica personal de los iberos”;
- María José Estarán, “El contacto lingüístico y la latinización en la Hispania antigua. Un análisis histórico y sociolingüístico de las fuentes epigráficas y numismáticas”;
- José Cardim e Hugo Pires, “Da fixação textual das inscrições lusitanas de Lamas de Moledo, Cabeço das Fráguas e Arronches: o contributo do «Modelo de Resíduo Morfológico» (MRM), seus resultados e principais consequências interpretativas”.

Merece alusão especial o que P. Ripollès, M. Gozalbes, A. Peña y J. F. Onielfa mostraram acerca de “La representación de las leyendas monetales en el portal monedaiberica.org”. Esse portal – <https://monedaiberica.org> –, preparado na Universidade de Valência, reveste-se, na verdade, do maior interesse pelas enormes potencialidades de estudo que permite, nomeadamente devido à excelente qualidade das fotografias de moedas a que pode aceder-se.

A circunstância de ser este um colóquio de temática específica determina, obviamente, que, sendo relevante o contributo de cada um, não o são menos o encontro, a troca de impressões, os contactos que desta sorte se fortalecem ou iniciam. E pode garantir-se que todos saíram mais ricos em saber e experiência, após as três jornadas em comum.

Loulé soube honrar garbosamente a tradicional hospitalidade do Barrocal e louletana (em particular). Um exemplo mais, de excelência, por parte de um Município que não hesita em disponibilizar significativas verbas para apoio a iniciativas culturais e, inclusive, científicas, consciente de que esse é o caminho certo para consolidar a sua identidade e concitar o entusiasmo identitário dos seus munícipes. 🏰



Visita a Mesas do Castelinho.